Capítulo 17

A “atraente escola de intuição”: o Jardim Zoológico e o Horto Botânico do Museu Paraense de História Natural e Etnografia (1897-1900)

Diego Ramon Silva Machado
José Jerônimo de Alencar Alves

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LOPES, MM., and HEIZER, A., orgs. *Colecionismos, práticas de campo e representações* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 280 p. Ciência & Sociedade collection. ISBN 978-85-7879-079-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

17.

**A “Atraente Escola de Intuição”:
o Jardim Zoológico e o Horto Botânico
do Museu Paraense de História Natural
e Etnografia (1897-1900)**

Diego Ramon Silva Machado¹

José Jerônimo de Alencar Alves²

Em 1897, uma das maiores novidades arquitetônicas e científicas da *Belle Époque* começou a surgir dentro da cidade de Belém. Tratou-se do Horto Botânico e do Jardim Zoológico do Museu Paraense de História Natural e Etnografia, ambos erigidos como anexos na nova sede da Instituição adquirida por intermédio do governo estadual. Sob a direção de Emilio Goeldi, naturalista suíço contratado em 1894 por Lauro Sodré, Governador do Estado, o Parque Zoobotânico do Museu tornou-se sinônimo de progresso e instrução no Estado. Em suas dependências, em meio a árvores e viveiros importados, os visitantes poderiam ter o contato direto com os “objetos da natureza”, por meio da observação de plantas e animais vivos.

Tanto a contratação de Goeldi, quanto o projeto dos anexos foram reflexos da administração governamental de Lauro Sodré. De fato, o Governador foi reconhecido por alguns historiadores (SARGES, 2002; ALVES, 2005b; SANJAD, 2005) por conceber uma administração com traços positivistas, além de ser considerado como um dos principais incentivadores do “programa civilizador em Belém” e um dos mais ativos “propagandistas da República” de sua época (SANJAD 2005, p.141-143).

1 Mestre em Ensino de Ciências - IEMCI/UFPA. Doutorando em História das Ciências e da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde – COC/FIOCRUZ

2 Doutor em História Social - USP. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemáticas do Instituto de Educação Matemática e Científica – IEMCI/UFPA.

Historicamente, Sodré foi responsável pela reforma e florescimento de Instituições científicas, culturais e educacionais. Destacam-se, neste rol, as obras no Teatro da Paz, do Instituto Paraense de Artífices (Instituto Lauro Sodré), Colégio Nossa Senhora do Amparo (Colégio Gentil), Associação Protetora dos Órfãos, Sociedade de Estudos Paraenses, Casa de Misericórdia; e a criação do curso de Agrimensura no Liceu Paraense, justificado pelo crescimento da cidade, e do Liceu de Artes e Ofícios (Liceu Benjamin Constant) - sob a direção da Sociedade Propagadora do Ensino - com o objetivo de proporcionar o “derramamento da luzes das ciências pelas classes populares”; além da revitalização da Biblioteca Pública e do Museu Paraense (SODRÉ, 1891 p. 9).

Em efeito, a preferência pela contratação de Goeldi como Diretor do Museu Paraense representou a vontade de Sodré em colocar “homens da ciência” para cargos de liderança. A nacionalidade européia representou um ponto importante para a escolha de Goeldi, principalmente por este viver no lugar considerado por muitos homens de seu tempo como o celeiro do pensamento científico na época; além disso, o novo Diretor havia passado por grandes Institutos estrangeiros como a estação zoológica de Nápoles, na Itália, onde estudou peixes e aves, partindo posteriormente para a Alemanha em 1881, fazendo neste local os cursos de Zoologia e Anatomia Comparada nas Universidades de Leipzig e Jena, desenvolvendo estudos anatômicos, históricos e evolutivos, como assistente de Ernst Hâckel.

Em Belém, a nomeação de Goeldi foi acompanhada de promessas de apoio e auxílio moral as suas atividades como o próprio Diretor declarou em carta circular enviada a Lauro Sodré (GOELDI, 1894a p.8-10). Na carta estava claro que o Governo, desde a sua contratação, tinha em vista uma nova sede para o Museu, um edifício apropriado, com capacidade para permitir a evolução e o aumento gradativo de suas coleções e anexos como o Jardim Zoológico e o Horto Botânico. A relação amigável de Goeldi com outras Instituições e especialistas – como no caso de seu colega e amigo: o diretor do Museu Paulista Dr. Hermann Von Ihering – também representou um ponto forte na sua investidura de cargo, pois possibilitava a troca de conhecimento e a permuta de resultados de pesquisa entre os estudiosos. Goeldi louvou ainda os esforços de Sodré pela tentativa de elucidar as partes obscuras da ciência e pelo muito que contribuiu para o desenvolvimento do ensino popular no Estado. Complementarmente, o novo diretor do Museu reforçou que, segundo

o Governador paraense, a instituição a ser revitalizada era antes uma “criação” do que uma reforma:

“Verá que digo CREAM, pois o que temos nem de museu merece o nome, tão pouco é, tão desalinhado e fora de regra e longe de ciência anda aquilo tudo que dói o ver o contraste entre esta tamanha pobreza acumulada e a enorme riqueza que anda à mão no seio da natureza aqui” (SODRÉ apud GOELDI 1894a p.9)

Ainda na carta-circular enviada a Sodré, o Diretor Emilio Goeldi (1894a p.9) julgou interpretar de maneira nítida as intenções do Governo do Estado quanto à criação do Museu ao definir, em primeira linha, o Museu Paraense como um “instituto para a História Natural do Amazonas, um estabelecimento que se propõe observar, colecionar, determinar e tornar conhecidos os objetos da natureza indígena”.

Diante das mudanças do Museu, sobretudo arquitetônicas, Sodré (1894b, p.26) recomendou a atenção dos poderes públicos ao Museu Paraense, que segundo ele era uma criação recente devido à grande diferença entre a Instituição existente e a “coisa amorfa, que sob esse título figurara entre os estabelecimentos públicos do Pará” anos antes da sua revitalização.

Portanto, em meio a essas relações históricas de revitalização, apoios governamentais, práticas científicas e transformações no espaço do Museu é que construímos a nossa análise investigativa. De maneira mais enfática nosso objetivo neste artigo é analisar a difusão da História Natural promovida pelo *Museu Paraense de História Natural e Etnografia* no Pará, durante o final do século XIX, a partir da criação dos dois anexos já citados: o Parque Zoológico e o Jardim Botânico (1897). Partimos da idéia de que estes ambientes foram estratégias efetivas de difusão da História Natural no Pará durante o final do século XIX, especialmente pela proposta de ensino contida nela.

Atualmente, pesquisas históricas (ALVES, 2005a; CRISPINO, 2006 e SANJAD, 2005) mostraram a importância da criação do Jardim Zoológico e do Horto Botânico, sobretudo no processo de Institucionalização do Museu Paraense durante os primeiros anos da República. No entanto, apesar dos trabalhos identificarem como estes anexos surgiram, além da sua relação com a difusão da História Natural no Pará, pouco se sabe sobre a história da educação científica ocorrida nas suas dependências, ou mesmo em Museus de História Natural como um todo e muito menos sobre suas estratégias e métodos de ensino.

Ressaltamos que estamos considerando como difusão todo o meio de transmissão de conhecimentos, seja por meio de cursos, revistas, publicações e/ou instrução popular. Frisamos ainda que nos documentos históricos referentes ao Museu Paraense este termo não aparece, porém é muito comum a terminologia “vulgarização científica”, entendida no século XIX, como a “ação de falar de ciência para os leigos” (VERGARA, 2008 P.137). No entanto, neste trabalho, preferimos utilizar o termo difusão científica por considerá-lo mais abrangente, uma vez que – segundo Zamboni (2001, p.46) – concebido de maneira tão larga, a palavra difusão engloba, tanto a difusão para especialistas (Disseminação Científica), quanto a difusão para o grande público em geral (Divulgação Científica).

Para compreender esta estratégia de difusão da História Natural tomamos como base dois materiais de pesquisa: os relatórios e as mensagens oficiais dos Governadores do Estado, entre os anos de 1897 a 1903, sobretudo, na parte referente ao Museu Paraense³; e o Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia (1895-1900), por relatarem a idealização e a implementação dos anexos durante o período em estudo.

De Museu em miniatura a sucesso de público

Como se sabe, o Museu compõe-se de um edifício contendo coleções e um apêndice atrás, servindo de “sala de dissecação”. O primeiro é de aspecto simpático, mas as suas dimensões exteriores traem logo, que não se trata de outra coisa senão de um Museu em miniatura, de um mero “gabinete”.

Emilio Goeldi – *Relatório sobre o estado do Museu* (1894)

O “museu em miniatura” se constituía em problema para os planos do novo Diretor da instituição pois a ordem arquitetônica daquele prédio o impedia de crescer para qualquer um dos lados. Seu estado de conservação, segundo Goeldi (1894c, p.18), também deixava a desejar

³ Estas comunicações emitidas anualmente apresentam uma síntese das atividades em cada Província e podem ser encontrados na íntegra (1830-1930) no site do *Center of Research Libraries*, sendo referente ao *Latin American Microform Project* (LAMP) que proporciona o acesso, via internet, aos documentos e facilita a sua utilização por Pesquisadores, dando apoio às pesquisas históricas latino-americanas. Maiores detalhes no site: <http://www.crl.edu/brazil>

com goteiras e telhados necessitando de consertos, que tiravam absolutamente as chances do prédio servir para um Museu reorganizado. Estes fatores fizeram Goeldi indicar o quanto seria melhor se houvesse a transposição do novo Museu para um edifício apropriado ao desenvolvimento e aumento das coleções, e que desse, por ocasião, para organizar os anexos desejados como “um modesto Jardim Zoológico e um pequeno Horto Botânico”.

No relatório enviado ao Governador em 1895, Goeldi continuou a fazer críticas ao edifício antigo do Museu Paraense, afirmando que seria mais viável a construção de um prédio novo que abrigasse de maneira favorável as coleções existentes. No entanto, o Diretor reconheceu que uma nova edificação renderia muitos anos, mesmo que já houvesse estabelecido a localidade com antecedência. Além disso, o Museu não poderia mais permanecer com sua existência “obscura e ignóbil”, meramente vegetativa, principalmente por não permitir nem o trabalho científico, nem a visitação pública em seu recinto, como fica claro no seguinte trecho:

Como se previu que semelhante edificação exigiria muitos anos, mesmo no caso de achar-se já conhecida, determinada e adquirida a localidade, e que durante estes anos todos o Museu seria forçado à continuação da mesma existência obscura e ignóbil (existência meramente vegetativa, que não permitia qualquer tentativa de trabalho científico e dentro do recinto, nem representação condigna e relações razoáveis com o público e o mundo exterior), resolveu-se escolher um edifício já existente, com dimensões suficientes pelo menos para um certo número de anos. (GOELDI, 1985 p.218)

Diante das críticas, não tardou muito para que os pedidos de Goeldi fossem concretizados pelo Governo do Estado. Assim, em 1895 (p.218-219) o novo Diretor do Museu relatou que um novo prédio foi doado à Instituição dentro da cidade de Belém, entre a estrada da Independência, a travessa nove de Janeiro e a estrada da Constituição, hoje conhecida como Gentil Bittencourt. Segundo Goeldi, a grande disposição arquitetônica interior, sólida estrutura, dimensões, conservação esmerada, aspecto ameno, terreno amplo, entre outros fatores relevantes permitiram a criação dos anexos e o aumento das coleções, mesmo que a preferência fosse a construção de um prédio novo. A localização da rocinha recém-comprada também ajudou na consolidação do novo Museu. Com bondes a sua frente e estrada de ferro aos fundos, a

Instituição tinha mais possibilidade de sucesso, pois o terreno havia de se tornar parte do centro da cidade devido seu crescimento naquela direção, junto à possibilidade de valorização dos imóveis próximos com o passar dos anos⁴.

Todavia, Goeldi (1895, p.220) não ressaltou apenas a importância da nova arquitetura e localidade do Museu. Ele relacionou também a criação do Horto Botânico e do Jardim Zoológico a um destino mais digno do Museu Paraense, além da sua “utilidade” e das “vantagens palpáveis” para a Instrução Pública, batendo de frente com os céticos e os descrentes sobre os anexos. O Diretor comparou as novas dependências da Instituição a “uma atraente escola de intuição das obras da natureza amazônica”, onde seria facilitada a visita pública.

Queremos criar uma atraente escola de intuição das obras da natureza amazônica para o público e pretendemos facilitar o acesso, abrindo os ditos anexos, logo que for possível, diariamente. Repetimos sempre e sempre que não é nosso intuito querer imitar os grandes jardins e hortos de além-mar, para onde o orbe inteiro tem que mandar sua contribuição em produções notáveis do reino animal e vegetal. Não almejamos nem o elefante da Índia, nem a girafa do continente Negro. Queremos o que é nosso, o amazônico, o paraense e não será preciso que eu (que não nasci nesta terra e que hoje não me vejo aqui por nenhum outro motivo senão o amor à ciência e à vontade de criar aqui na Amazônia um sólido reduto para ela) tenha de mostrar ao povo paraense, que a natureza, que nos cerca, tem material de sobra, para encher condignamente tanto um Jardim Zoológico, como um Horto Botânico. (GOELDI, 1895 P. 220)

A escola de intuição desejada por Goeldi contrapôs a escola baseada simplesmente nos manuais de História Natural. Assim, quer seja no Horto Botânico, quer seja no Jardim Zoológico, a visão alcançou o patamar de

4 Anos mais tarde Paes de Carvalho (1901, p.64), Governador do Pará, afirmou que após a estadia em sua nova sede o Museu Paraense passou por outras mudanças além das ocorridas nos anexos. Entre as obras, instalação de oficinas e laboratórios, construção e reformas das moradias de seus funcionários, ampliação da exposição e condicionamento do acervo. A relação entre o ambiente profissional e o ambiente doméstico, segundo Sanjad (2005, p.169), misturou-se no Museu Paraense obrigando seus Pesquisadores, técnicos e operários a darem exclusividade ao local, independente de seus compromissos pessoais e familiares.

primazia diante dos outros sentidos. O Diretor valorizou o papel pedagógico do Museu Paraense chegando a afirmar que o visitante, ao examinar os exemplares vivos do Horto, por exemplo, lucraria muito mais do que lendo manuais de botânica, caso existissem (GUALTIERI, 2005, p.109). A observação, portanto, foi vista enquanto agente responsável por educar e aperfeiçoar os sentidos possibilitando ações inerentes à aprendizagem como perceber, abstrair, analisar, comparar, generalizar e sintetizar.

Neste sentido, o Museu Paraense adotou a premissa de uma prática de ensino pautada no ver para compreender, pela observação direta do público aos objetos da natureza expostos nos ditos anexos; pressupostos pedagógicos do método intuitivo de ensino, conhecido também como “lição de coisas”, ou “ensino pelo aspecto”⁵. O marco desta visão de mundo aparece neste momento histórico de maneira relevante como distinção entre o ensino memorístico e o verbalista, pautados na oralidade do instrutor, e o ensino intuitivo, onde o sujeito visitante passa a ser o protagonista da sua história educacional por meio do contato direto com os fenômenos naturais e os objetos circundantes, desta maneira:

La creencia que la inteligencia del sujeto, enfrentada directamente a los objetos, la permitiría descubrir su naturaleza era el punto de justificación y de partida de todas las iniciativas de la pedagogía basada en las “cosas”. Con ello se esperaba que el niño alcanzara un conocimiento verdadero y una nueva manera de relacionarse con el mundo real a partir de la observación y reflexión sobre los objetos que conformaban su entorno (GARCIA, 2007 p.176).

Segundo Valdemarin (2004 p.94-109), o contato com as “coisas” possibilitaria aos alunos aprender os dados inerentes de cada objeto, numa premissa didática de “colocar as idéias frente à necessidade de nascer”. Aqui, o método intuitivo, sobretudo, tornou-se adequado ao campo das Ciências Naturais, pois seu conteúdo de ensino pôde ser apresentado aos alunos de modo atraente e prático, dentro da relação próxima com

5 De acordo com Valdemarin (2004; 2006 p.89-117), as concepções teóricas e procedimentos didáticos da “lição de coisas” foram amplamente difundidas nas escolas do Brasil por dois livros: o *Méthode intuitive – Exercices et travaux pour les enfants selon la méthode et les procedes de Pestalozzi et de Froebel* de Charles Delon (1892; 1913) e Fanny Delon (1913) com o objetivo de orientar a prática pedagógica de professores Instituições infantis; e as *Primeiras lições de coisas* de Normam Alison Calkins (1950), traduzido por Ruy Barbosa, livro importante na implantação do método de ensino intuitivo na educação brasileira, com a função de “evidenciar as diretrizes teóricas apresentadas pelo autor e compreender o processo pelo qual uma determinada concepção epistemológica pode ser traduzida num conjunto de prescrições metodológicas para o ensino, desdobrando-se em lições, exercícios e atividades”.

“a compreensão dos usos industriais dos elementos naturais e do trabalho desenvolvido pelo homem para este fim”.

Nesta interpretação, as gravuras e os desenhos ganharam um lugar especial, visto que por eles haveria condições de aprendizagem quando não ocorresse a observação direta dos objetos de estudo e fenômenos naturais. Deste modo, as ilustrações, por tratarem de articular uma “visão científica e estética da natureza” decorrente à participação de naturalistas e artistas na sua confecção, retratavam fielmente o que muitos alunos não poderiam ver diretamente no mundo natural (GARCIA 2001, p.178). Ou seja, ao definirem cores e formas das estruturas dos organismos as imagens promoveriam a aprendizagem e a representação mais interessante da natureza para o estudante. Neste aspecto, catálogos, fichas de identificação e livros constituíam grande possibilidade de aproximação destas figuras com a “coisa” real. Utilizadas, por exemplo, para lições de morfologia dos organismos as figuras utilizadas na compreensão do texto escrito e nas aulas presenciais apresentaram-se como indispensáveis no ensino da ciência da natureza, facilitando o reconhecimento das características físicas dos organismos.

No novo método, portanto, a disciplina história tinha importância por meio de traços materiais e acontecimentos contemporâneos observáveis; a geometria, pelo manuseio de objetos geométricos presentes do dia-dia de cada estudante; o desenho, por suas implicações artísticas e industriais com a ornamentação e construção dos objetos do mundo natural; a leitura e a escrita, por intermédio da reflexão tida como observação do próprio pensamento fazem parte da abrangência capilar do ensino intuitivo. Porém, a principal inovação do currículo na época foi a introdução do estudo da natureza na educação pré-escolar, principalmente:

[...] pelo fato de possibilitar o conhecimento da forma, da força e do movimento, elementos presentes em vários aspectos da vida, sejam eles concretos ou abstratos. E para essa aprendizagem, a observação é o atributo humano que proporciona a percepção e a compreensão das forças naturais, por meio da constatação das propriedades da matéria, da aquisição de noções sobre as rochas, a vida das plantas e os hábitos dos animais, gerando assim um conhecimento, ainda que sumário, da própria organização humana. (VALDEMARIN, 2006 p.94)

Todavia, na História do Museu Paraense, Goeldi não foi o primeiro a fazer a relação entre o Museu e o método da “lição das coisas”. Em 1890, José Veríssimo, Diretor da Instrução Pública no Pará e um dos grandes responsáveis pela reorganização do ensino primário, secundário, técnico, particular e público (Biblioteca Pública e Museu Paraense) no Estado, também se pronunciou sobre a maneira de educar por meio de Museus de História Natural – definido por ele como local de “educação popular”, nova instância da Instrução Pública, onde se encontravam o Museu Paraense e a Biblioteca Pública, ambos fiscalizados e organizados pela Diretoria Geral. Na sua concepção para que o Museu Paraense pudesse ser uma “eloqüente”, “interessante” e “instrutiva” Instituição, ou como ele próprio preferiu chamar, ser a “lição das coisas”, precisaria que todos os objetos da natureza – macacos empalhados, pontas de lança, vasos de cerâmica, exsicatas de plantas – fossem arranjados sistematicamente e classificados de maneira rigorosa para assim promover uma noção “exata, clara e precisa” dos objetos da natureza aos seus visitantes:

Como elemento da instrução popular, um Museu é uma eloqüente, instrutiva e interessante, para falar a linguagem pedagógica, lição de coisas. Para que realmente o seja, não se dispensa também o arranjo sistemático das coleções, a classificação rigorosa dos objetos dando aos visitantes ao mesmo tempo uma noção exata, clara e precisa de cada coisa exposta e da classe a que pertence, o seu nome, a sua utilidade, a sua origem ou qualquer outro elemento necessário ao seu conhecimento (VERÍSSIMO, 1894 p.7).

Ou seja, para que o Museu Paraense, após sua reestruturação, pudesse satisfazer seu fim de guardar a história e a memória de um povo, ele precisaria ser mais que simplesmente uma “mera acumulação de raridades, mais ou menos curiosas”. Era preciso que além de objetos raros, o local também estivesse “sistematicamente disposto” e “cientificamente arranjado”, para assim promover o ensino da História Natural no próprio estabelecimento. Ou seja, era necessária a “organização” do mesmo com “sistema”, “método” e “ciência”. Valores obfirmados por Veríssimo que comparou a reorganização do Museu, a reabertura de uma “boa escola”, além de imprimir os votos de que a instituição fosse proveitosa na sua função. Todavia, para isso era preciso convergir para o Museu todos os esforços necessários de seus envolvidos (VERÍSSIMO 1894, p.7-8).

Assim a referida procura pelo *status* científico do estabelecimento foi reforçada por meio das classificações e da arrumação sistemática e metódica de seus objetos expostos, práxis reconhecida nos ideais científicos da História Natural durante o século XIX, sustentada na mensuração, na quantificação e também na identificação morfológica rigorosa dos materiais coligidos na região. Ora, uma vez que a busca por uma rigorosidade metódica na organização dos objetos expostos no Museu Paraense foi explorada por Veríssimo em seu pronunciamento, torna-se latente a inserção do Diretor no modelo de “racionalidade científica” do século XIX.

Sodré (1897, p.34-35), igualmente, comentou a relação entre os anexos criados no Museu Paraense e a educação científica local, pois para ele no Horto Botânico e no Jardim Zoológico havia sempre uma “ensinção a receber”. Segundo o Governador o Museu servia aos interesses do ensino público, pois “naquelas salas, para onde as coleções cientificamente organizadas atraem os visitantes em massa, há uma útil lição de coisas.” Sodré citou neste rol de mudanças as conferências, destinadas a construir cursos populares e constituir a prática de visitas escolares; e o *Boletim do Museu Paraense* com o objetivo de tornar conhecida as experiências e as produções científicas dos Pesquisadores do Museu Paraense⁶.

No Jardim Zoológico e no Horto Botânico, nada de animais ou plantas exóticas de continentes distantes, ali se buscou mostrar o genuinamente amazônico, o paraense. Diante das gaiolas, ou entre os corredores de árvores frondosas, o público visitante aprendeu cada vez mais sobre os objetos da natureza amazônica, e isto tornou o Museu Paraense exclusivo entre seus congêneres. Em suas dependências houve sempre algo novo a aprender, principalmente nas coleções expostas e nos anexos com espécimes vivos⁷.

6 Quanto às conferências e o *Boletim do Museu Paraense* e sua relação com o ensino da História Natural no Estado escrevi um texto dissertativo denominado A “Lição de Coisas”: O Museu Paraense e o ensino da História Natural (1889-1900). Nele enfatizo o quanto estas duas estratégias contribuíram para a consolidação da educação científica no Pará.

7 No seu discurso, Goeldi se mostrou preocupado com o pensamento de alguns paraenses, a respeito do Museu, que diziam já ter visto todos os tipos de espécimes presentes no Parque Zoobotânico da Instituição. Pensamento, diga-se de passagem, retrucado por Goeldi (1895) – ao citar Buffon – que diferenciou o homem instruído do inculto, não pela soma do seu saber e sim pela maneira e o modo como ele vê o mundo natural.

Na tentativa de abarrotar os anexos com a fauna e a flora pátria, Goeldi fez uma espécie de “regionalização” do Museu Paraense⁸. A partir de então os visitantes passaram a conhecer melhor aquilo que lhes circundava, todavia dentro da sistematização defendida pelas Ciências Naturais do período. Dentro e fora do Museu os organismos passaram a ter nomes binomiais, de acordo com as normas taxonômicas; informações sobre sua alimentação, habitat, entre outros caracteres que os tornassem diferentes uns dos outros e lhes dessem, com isso, a sua individualidade diante dos olhos dos naturalistas. Assim, ao passar pelos muros do estabelecimento os visitantes do Museu vivificaram e conheceram a natureza dos animais e plantas, de onde provinham suas necessidades e os seres que nos precederam.

A tal “regionalização”, porém, se limitou apenas à “parte viva” do Museu, porque as edificações, incluindo os anexos, seguiram a arquitetura européia como outras construções na capital durante o período da *Belle-époque*. Assim, para o bom caminhar do Parque Zoobotânico, jardinagem esmerada, colocação de janelas sólidas e apropriadas, grades de ferro, viveiros de arame, tanques cimentados para animais aquáticos e letreiros, os últimos sujeitos a freqüente variação (GOELDI, 1895 p.221). Internamente, quase tudo lembrava a Europa como um lago das vitórias-régias semelhante ao Mar Negro da Rússia, laboratórios e residências em formato de chalés Suíços, uma torre de observações meteorológicas e astronômicas parecidas a Torre Eiffel, só que em proporções menores, e aves aquáticas morando sob cobertura igual ao “Parc St. Germain” e banhando-se no modelo do italiano Lago Maggiore, formaram o cenário distante trazido por Goeldi para Belém (SANJAD, 2005 p.171-172; GOELDI, 1897 P.1-27).

Segundo o Governador Paes de Carvalho (1898) no Parque Zoobotânico a relação do Museu Paraense com a educação foi patente e responsável por fazer do estabelecimento um ambiente que, tecia de antemão uma “parte excepcional no ensino superior”, que mais cedo, ou mais tarde, o Estado teria de fundar. De fato, Dantes (2001), sobre esta relação entre as instituições científicas e o ensino superior, afirma que no caso das Ciências, na ausência de Universidades, coube aos diversos Institutos científicos – Museu Paraense, Observatório Nacional, Comissão Geológica do Império, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, entre outros – a responsabilidade da formação superior.

8 Podgorny (2000), citado por García (2007, p.182), fala a respeito da criação e exibição de coleções de História Natural e seus respectivos catálogos implicando numa espécie de “argentinizacão” da fauna, da flora, dos minerais e fósseis, achados e estudados em território argentino por Museus locais como uma espécie de nacionalização das Ciências Naturais.

Em outro momento Paes de Carvalho (1901, p.65), firmou a prosperidade das dependências do Museu com base nos melhoramentos arquitetônicos, no crescimento da biodiversidade interna do Museu Paraense pelas doações quotidianas e na visitaço pblica. De acordo com o governante, impressionavam a todos a "grande e magnfica casa de feras", o terrrio para os rpteis, alm de outras acomodaes preparadas para as aves de rapina, mamferos, etc⁹. Os donativos quase dirios de novos exemplares e a crescente freqncia em dias de exposio testemunhavam o apreo pblico pelo estabelecimento, visitado por 334.641 pessoas entre os anos de 1897 e 1901, s teras e quintas-feiras.

Assim, numa cidade com um pouco mais de 177.000 mil habitantes (1906), ter em mdia de 85 mil visitantes anuais foi, sem dvida nenhuma, uma quantidade expressiva. Em 1907, por exemplo, o nmero de visitaes chegou a 124.670 pessoas, ou seja, mais da metade da populao da capital de um ano antes, enquanto em 1894 apenas 950 pessoas haviam passado por ali¹⁰.

Estava institida a atrao do pblico pelo Museu Paraense, apoiada fortemente no seu nmero de visitantes. Os estudos de Sanjad (2005, 2008) afirmam que naquele tempo, pessoas de diversos pontos da Capital e at de fora dela visitaram o Parque Zoolgico, estimuladas por Goeldi a contemplar os mais diversos animais capturados nas viagens e excurses, ou trazidos por correspondentes e colaboradores. O nico exemplar vivo de Pirambia exposto em um Museu em seu "tanque europeu", os filhotes de onas enjauladas, garas e emas nidificando, porquinhos da ndia e outros pequenos roedores, pacas, pssaros, disputavam ateno de homens e mulheres a que podiam quase toc-los. No horto, rvores de copabas, jarinas, aazeiros, mangueiras e o "viveiro de plantas em latas" formavam corredores de clima ameno ao lado da arquitetura europia das rocinhas, viveiros e lagos. Mudanas responsveis pela formao de uma "colnia cientfica" no meio da Amaznia representando, na verdade, uma espcie de pequena Europa Paraense.

O sucesso de pblico do Museu Paraense acompanhou os quantitativos de outros Museus brasileiros, bem como dos mundiais, e foram dados demonstrativos do xito destas Instituies em pleno sculo XIX.

9 De acordo com Carvalho (1901, p.65), entre 412 e 509 espcimes de animais estavam distribuídos em 129 espcies e mais de 531 espcies de plantas ocupavam o Museu desde a inaugurao dos anexos.

10 Os dados relatados esto de acordo com a tabela de freqncia anual dos Museus Paraense, Paulista, Nacional, Paranaense e Jlio de Castilho, entre os anos de 1894 a 1907, divulgada por Lopes (1997, p.300).

Na historiografia do Museu Paraense é possível acharmos duas explicações para os grandes quantitativos da frequência pública: a primeira, relacionada ao crescimento populacional de Belém devido ao *boom* da borracha que fez a cidade aumentar sua população em 300% em 34 anos (LOPES, 1997 p.300); e a segunda referente ao incentivo de Goeldi às visitas e o estímulo à simpatia, tanto das coleções, quanto do Horto Botânico e do Jardim Zoológico pelo povo paraense (SANJAD 2005; 2008, p.124-125).

Neste caso achamos importante também inserir, como uma terceira explicação, a própria mudança cultural e intelectual promovida pela *Belle-Époque* amazônica, sobretudo em Belém. A mentalidade e as práticas sociais dos cidadãos mudaram e, nesse contexto, houve uma redefinição do espaço público da cidade, percebida por seus transeuntes, que passaram a visitar locais considerados representativos da intelectualidade européia na época como é o caso do Museu Paraense. Sendo assim, além da função investigativa e instrutiva, o Museu foi claramente um local de entretenimento, por exemplo: devido ao alvoroço dos dias destinados à visita do público em geral, Goeldi deu às famílias locais a oportunidade visitar o Museu Paraense em um dia destinado particularmente a elas: às terças-feiras, na tentativa de tirá-las do sufoco causado nas quintas-feiras, domingos e feriados, quando iam pessoas de várias condições sociais e diferentes tipos. Longe das “massas” que alcançavam os milhões e dificultavam a diversão familiar, pais e filhos, avós e netos, tios e sobrinhos, poderiam agora se deleitar da agradável “Europa Amazônica” e tudo o que ela poderia lhes oferecer.

Fica claro, portanto, o papel crucial do Parque Zoobotânico tanto na função de entreter, quanto de ensinar; e o estreito laço estabelecido entre o Museu e a sociedade Paraense, a última fosse requerida mais ou menos de acordo com seu comportamento dentro da sua Instituição.

Neste caso, ressaltamos que a idéia de ensino mostrada na abertura dos anexos do Museu Paraense parecia estar basicamente pautada no contato dos visitantes com os objetos da natureza, visto que em nenhum dos documentos até aqui pesquisados Goeldi relatou a necessidade de instrutores para o público. Deste modo, não houve um mediador entre a natureza exposta nas gaiolas, viveiros e hortos e o observador, talvez por acreditarem que a própria natureza poderia dar as respostas necessárias ao observador por meio da sua experiência empírica. Mesmo assim os relatos de governantes como Sodré e Carvalho, aliados as falas de administradores como Veríssimo e Goeldi, demonstram um lugar de destaque destas instituições no ensino público paraense.

Considerações finais

As mudanças realizadas a partir da coordenação de Goeldi fizeram do Museu Paraense uma das Instituições mais respeitadas no Brasil da sua época. Transformações promovidas por Goeldi como reflexo do projeto cientificista de Sodré para o Pará, que priorizou a contratação de “homens da ciência” formados em Universidades e demais Institutos de renome em História Natural.

A dinâmica do Jardim Zoológico e do Horto Botânico do Museu ilustrou a maneira de como este estabelecimento efetivou a sua função de ensinar a História Natural no Estado. Visto enquanto um ambiente onde os alunos poderiam ter contato direto com os objetos da natureza, ou seja, as “coisas” do mundo natural o Museu Paraense serviu ao propósito do ensino de ciências no final do século XIX, por estimular a aprendizagem dos organismos e minerais, sobretudo pelo método da lição de coisas.

Na prática a “lição de coisas” representou a teoria de ensino que sustentou a teoria do conhecimento adotada no Museu Paraense. Assim, as coleções foram organizadas de acordo com o método e a ciência de base empirista, buscando suprir todas as dúvidas que pudessem existir a respeito das questões da natureza e seus habitantes. A “regionalização” dos anexos do Museu Paraense refletiu na adoção da fauna e da flora amazônica enquanto instrumentos da educação científica dos visitantes, mesmo que estes estivessem distribuídos em viveiros e bosques de arquitetura em estilo europeu.

Ressaltamos ainda a necessidade de outras pesquisas para entender mais sobre a história do ensino de ciências em Museus de História Natural. Neste sentido, estudos comparativos entre Instituições desta natureza, assumem grande importância na compreensão do seu processo educativo, por possibilitarem a análise das convergências entre elas e o que as difere uma das outras.

Com isso, o presente estudo alia-se às correntes de investigação, que têm se ocupado com o estudo da história do ensino e da difusão das informações científicas em Museus de História Natural, bem como das diferentes práticas e trajetórias na área do colecionismo no Brasil, especialmente na região amazônica; e mostra a contribuição desta análise para outras pesquisas na área, além de servir de suporte teórico para estudos comparativos no âmbito dos Museus de História Natural.

Referências bibliográficas

CARVALHO, José Paes de. **Mensagem Dirigida ao Congresso do Estado do Pará pelo Dr. José Paes de Carvalho, Governador do Estado, em 15 de abril de 1898, apresentando a proposta de orçamento da Receita e Despesa para o exercício de 1898 -1899.** Belém, Typ. Diário Oficial, 1898.

_____. **Relatório Apresentado ao Governador do Estado Exm^o. Sr. Dr. Augusto Montenegro pelo Dr. José Paes de Carvalho ao deixar a administração em 1^o de Fevereiro de 1901.** Belém, Imprensa Oficial, 1901. p.63-66

GOELDI, Emil August. Carta-Circular. **Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia**, Belém, 1(1): 8-10, 1894a.

_____. Relatório sobre o estado do Museu Paraense. **Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia**, Belém, 1(1): 10-20, 1894c.

_____. Relatório apresentado pelo Director do Museu Paraense ao Sr. Dr. Lauro Sodré, Governador do Estado do Pará. **Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia**, Belém, 1(3): 217-239, 1895.

_____. Relatório apresentado pelo director do Museu Paraense ao Sr.Dr. Lauro Sodré, Governador do Estado do Pará. In: **Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnographia**. Pará, (1897?). p.1-27 Typographia de Alfredo & C. Pará.

_____. Relatório apresentado ao Exm.^o Sr. Dr. Lauro Sodré. Governador do Estado do Pará, pelo Director do Museu Paraense. **Boletim do Museu Paraense de História natural e Etnographia**, Belém, jun. 2 (3): 257-287, 1898.

REGULAMENTO do Museu Paraense. **Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia**, Belém, 1(1): 22-27, 1894b.

SODRÉ, Lauro. **Mensagem dirigida ao Congresso do Estado do Pará pelo Dr. Lauro Sodré, Governador do Estado, ao expirar o seu mandato, no dia 1^o de fevereiro de 1897.** Pará, Diário Oficial, 1897. p.30-36

VERÍSSIMO, José. **A Educação Nacional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

VERÍSSIMO, José. Discurso pronunciado por José Veríssimo, Director Geral da Instrução Pública, perante o Governador do Estado, Capitão-Tenente Bacelar Pinto Guedes, por ocasião de se inaugurar o Museu, restaurado em 13 de maio de 1891. **Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia**, Belém, 1(1): 5-8, 1894.

ALVES, Ana Maria de Alencar. **Redutos da Ciência na 'Era dos Museus': Inglaterra, França, Estados Unidos e Brasil**. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, 2005a.

ALVES, Jerônimo de Alencar. O Cientificismo da França para a Amazônia. O positivismo de Lauro Sodré. In: José Jerônimo de Alencar Alves. (Org.). **Múltiplas faces da história das ciências na Amazônia**. 1 ed. Belém: Editora Universidade Federal do Pará, 2005b, v. 1, p. 61-76.

CRISPINO, Luis Carlos Bassalo. **As Origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: aspectos históricos e iconográficos (1860-1921)**. Belém: Paka-Tatu, 2006.

DANTES, Maria Amélia (Org). **Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930**. – Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. p.13-22.

GARCÍA, Susana V. Museos Escolares, Colecciones y La Enseñanza Elemental de las Ciencias Naturales en la Argentina de fines del Siglo XIX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.14, n.1, p.173-196, jan-mar. 2007.

GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. A Amazônia sob Olhares Evolucionistas: a ciência no Museu Paraense (1894-1914). In: ALVES, José Jerônimo de Alencar (org.). **Múltiplas Faces da História das Ciências na Amazônia**. Belém: UFPA, 2005, p. 103-134.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil Descobre a Pesquisa Científica. Os Museus e as Ciências Naturais no século XIX**. São Paulo, Hucitec, 1997.

MACHADO, Diego. **A "LIÇÃO DE COISAS": O Museu Paraense e o ensino da História Natural (1889-1900)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Educação Matemática e Científica, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, Belém, 2010.

SANJAD, Nelson. **A Coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República, 1866-1907**. Tese (Doutorado em História das Ciências). Fundação Oswaldo Cruz - Rio de Janeiro, 2005.

SANJAD, Nelson. A Revitalização do Parque Zoobotânico do Museu Goeldi: em busca de uma nova relação com o público. **Revista Museologia e Patrimônio**, v. 1, p. 123-127, 2008.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: Riquezas produzindo a Belle-époque (1870-1912)** – Belém: Paka-Tatu, 2002, 2.ed.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **Estudando as Lições de Coisas: análise dos fundamentos filosóficos do Método de Ensino Intuitivo** – Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004. – (Coleção educação contemporânea).

VALDEMARIN, Vera Teresa. O Método Intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado. In: ALMEIDA, José Soares de; SAVIANI, Demerval; SOUZA, Rosa Fátima de e VALDEMARIN, Vera VALDEMARIN, Vera Teresa. **O legado educacional do século XIX**. Campinas: Autores Associados, 2006.

VERGARA, Moema de Rezende. Ensaio sobre o termo “Vulgarização Científica” no Brasil do Século XIX. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 137-145, jul/dez, 2008.

ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. **Cientistas, Jornalistas e a Difusão Científica**: subjetividade e heterogeneidade no discurso da difusão científica – Campinas, SP: Autores Associados, 2001.